



**Instituto de Letras**  
**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**  
**Licenciatura em Letras/Português**  
**Monografia em Literatura**

**ANA CAROLINA RAMOS SIQUEIRA**  
**MATRÍCULA: 12/0109638**

**CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO: A  
REALIDADE DA FAVELA EM FORMA DE LITERATURA**

<b>MENÇÃO</b>	<b>SS</b>
---------------	-----------

**ORIENTADOR**  
**Prof. Dr. Omar da Silva Lima**

Brasília- DF  
1º/2015

ANA CAROLINA RAMOS SIQUEIRA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO: A REALIDADE DA  
FAVELA EM FORMA DE LITERATURA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras: Português à mesa da Jornada de Monografia em Literatura, sob a orientação do Prof. Dr. Omar da Silva Lima.

Universidade de Brasília  
Brasília - 2015

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo nessa jornada, que me apoiaram e me incentivaram.

Agradeço a minha mãe Ana, por ser minha companheira fiel em todos os momentos da minha vida.

Agradeço ao meu marido Victor, por ser o presente da minha vida e ser presente na minha caminhada. Meu companheiro, meu amigo e meu maior incentivador.

Agradeço ao meu pai Gegê, por ser meu alicerce e meu melhor amigo.

Agradeço a minha irmã de sangue, de alma e de risos, Karine.

Agradeço as minhas primas e tias pelo companheirismo e alegria.

Agradeço a Valéria, Tânia e José Xavier por me acolherem com tanto amor.

Agradeço ao professor Omar pelo carinho, atenção e dedicação na elaboração deste trabalho.

Agradeço a Deus, que é comigo.

Dedico às minhas filhas, Cecília e Valentina. Vocês são a razão do meu coração pulsar.

**RESUMO:** Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são as autoras abordadas neste texto. As publicações *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria e os contos de Conceição Evaristo: "Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos", "Di Lixão", "Maria" e "Ana Davenga" são relacionados dentro de tópicos que abrangem temas da realidade comum nas favelas/comunidades. Situações que permeiam o cotidiano de mulheres, negras, mães solteiras e a violência são fatos comuns às obras das duas autoras, apesar de suas publicações terem mais de 40 anos de diferença. A fonte de renda e meio de sobrevivência, diante do abandono do parceiro e as obrigações de mãe e dona de casa, são questões fundamentais a serem pontuadas, pois é a reestruturação do lar, de onde saem todas as outras questões relacionadas a problemas afetivos, indignação pelo abandono (geralmente do pai) e projeções para a vida adulta/futuro. A maternidade é representada por Carolina Maria e a personagem "Maria". Ambas buscam o bem estar dos filhos e pensam no seu futuro, principalmente no que irão comer, se estão com frio e a preocupação com os estudos. A favela e a violência tem presença frequente no livro de Carolina Maria em forma de brigas corporais, geralmente por motivos amorosos, ciúmes, traição ou intrigas entre vizinhos. Já nos contos de Conceição Evaristo, a violência é sangrenta. Criança morre em tiroteio, mãe é linchada até a morte enquanto volta do trabalho e um filho fica órfão sabendo quem foi o assassino de sua mãe, mas sem querer denunciá-lo, por raiva dela. Carolina Maria de Jesus e a personagem Ana Davenga trazem a discussão acerca do papel da mulher negra na sociedade. O machismo, o sexismo e a construção da mulher diante das modificações sociais e da realidade alterada desde a época da escravidão, onde a mulher era objeto do homem, e agora, onde ela se reestabelece socialmente, ocupando seu lugar igualitário e sem preconceitos.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus. Conceição Evaristo. Mulher. Maternidade. Violência.

**ABSTRACT:** Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo are the authors discussed in the text. Publications *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, of Carolina Maria and the tales of Conceição Evaristo: "Zaita esqueceu de guardar dos brinquedos", "Di Lixão", "Maria" and "Ana Davenga" are related within topics cover topics of common reality in the slums / communities. Situations that permeate the daily life of women, black, single mothers and violence are common facts to the works of two authors, despite their publications have more than 40 years apart. The source of income and means of survival, before the partner's abandonment and mother obligations and homemaker, are key issues to be punctuated as it is the restructuring of the home, from where all other issues related to emotional problems, outrage by abandoning (usually the father) and projections for adult / future life. Motherhood is represented by Maria Carolina and the character "Maria". Both seek the welfare of children and think of their future, especially when it will eat if they're cold and concern for the studies. The slum and violence has frequent presence in the book of Carolina Maria-shaped fist-fights, usually for loving reasons, jealousy, betrayal and intrigues between neighbors. Already in the tales of Conceição Evaristo, violence is bloody. Child dies in shootout mother is lynched to death while returning from work and a child is orphaned knowing who the murderer of his mother, but not wanting to report it for her anger. Carolina Maria de Jesus and the character Ana Davenga bring the discussion on the role of black women in society. The machismo,

sexism and construction woman on the social changes and altered reality since the time of slavery, where the woman was a man of the object, and now, where it socially restores, taking his equal and unprejudiced place.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus. Conceição Evaristo. Woman. Motherhood. Violence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Pressupostos Teóricos e Corpus.....</b>	<b>10</b>
1.1 Ser negro no Brasil.....	10
1.2 Bastidores da escrita e publicação da obra <i>Quarto de despejo</i> : diário de uma favelada.....	11
1.3 Relatos da origem do material de Conceição Evaristo para escrever seus contos.....	14
<b>CAPÍTULO 2 – Mundividência da escritora favelada: A realidade da favela em forma de literatura.....</b>	<b>15</b>
2.1 Fonte de renda e meio de sobrevivência.....	16
2.2 A Maternidade de Carolina e de Maria.....	16
2.3 A Favela e a violência.....	18
2.4 Carolina Maria de Jesus e Ana Davenga: o ser mulher negra.....	19
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo retratar a realidade da favela através da literatura de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, e em alguns contos selecionados de Conceição Evaristo. O interesse aqui é perceber como esse registro foi feito nas vozes de escritoras afro-brasileiras, que viveram em favelas (comunidades).

Embora pertencentes a gêneros diferentes, o diário de Carolina Maria de Jesus e os contos de Conceição Evaristo, selecionados para esta análise, tratam da vivência de cada escritora, caracterizando, assim, a escrita comprometida com o devir da mulher negra, em que o testemunho opera com o saber o que escreve e sentir o escrito, enquadrando o fazer literário de ambas na literatura afro-brasileira e revelando ao leitor a escrita da negritude.

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento em Minas Gerais, no dia 14 de Março de 1914. Carolina foi mantida na escola por dois anos, apadrinhada por pessoas influentes da sociedade, que faziam caridade. Mudou-se para São Paulo em 1947, após ser vítima de preconceito e abuso de autoridade. Ela fora presa sob a acusação de ter roubado dinheiro da igreja. Sua mãe também foi presa e as duas foram surradas e permaneceram detidas até que o padre encontrou o dinheiro e as liberou. Logo iniciou seu caminho à cidade de São Paulo. Não foi fácil para Carolina Maria de Jesus chegar à grande metrópole paulistana. Em sua jornada até ali, a escritora ia trabalhando em cada cidade que passava em busca de dinheiro para a comida e, assim, trilhava o seu caminho rumo à capital de São Paulo. Ao final de sua caminhada, logo se arranhou.

Quando minha mãe chegou a São Paulo, conseguiu uma vaga de empregada doméstica na casa de Euryclides Zerbini (o primeiro cirurgião a realizar um transplante de coração na América Latina), conta a filha Vera Eunice. (FRANÇA, 2015, p.32 )

Carolina pedia para ler os livros da excelente biblioteca do médico aos finais de semana, mas logo foi demitida.

Carolina Maria de Jesus passou a ter como endereço as ruas de São Paulo. Com um filho em cada mão e outro no colo, ela conseguiu um barracão às margens do rio Tietê. Ao contrário do que ela gostava (limpeza, arrumação, e boa apresentação, inclusive dela mesma), o barraco era surrupiado, enlameado pela água suja do esgoto a cada vez que o rio Tietê transbordava. Ninguém empregava mãe solteira. Então ela começou a catar papel para conseguir algum dinheiro. Um dia, um político teve a ideia de "limpar a cidade". Um caminhão passou recolhendo todos os mendigos. Embarcamos na caçamba e, como dizia minha mãe, fomos despejados às margens do rio Tietê, diz Vera, filha da autora. (FRANÇA, 2015, 32.)

A outra escritora afro-brasileira abordada neste trabalho é Conceição Evaristo. A autora de *Ponciá Vicêncio* nasceu no dia 29 de novembro de 1946, na cidade Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

Aos sete anos ela foi morar com sua tia Maria Filomena, lavadeira assim como sua mãe. Conceição iniciou seu primeiro trabalho doméstico aos oito anos, mas sempre participando da rotina da sua mãe e tia em buscar e levar roupas para as patroas.

No artigo "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita", publicado no livro *Representações performáticas brasileiras* (2007, p. 18), Conceição fala sobre a aquisição do letramento. Era habitual a tia de Conceição ter anotações de acontecimentos que ela julgava importantes, como notícias relacionadas à economia, manchetes importantes sobre acontecimentos sociais e também sobre a realidade doméstica. À medida que foi crescendo, a responsabilidade pelos registros passou para Conceição, que acredita ter como inspiração para a escrita as histórias que viveu e escutou.

Conceição passou a abordar objetivamente as questões étnicas a partir da década de 70, após um curso ginásial conturbado e inserção no grupo JOC (Juventude Operária Católica) que promovia debates reflexivos sobre a realidade brasileira.

Inicialmente, as obras de Conceição Evaristo não foram editadas em publicações individuais. O romance *Ponciá Vicêncio* é sua obra mais aclamada, pelo fato de a escritora ter o domínio da técnica narrativa contemporânea, permeada por uma linguagem poética, além do diálogo com grandes clássicos da literatura brasileira (LIMA, 2009, p. 57).



Conceição foi a segunda mulher afro-brasileira a ter uma obra literária publicada fora do Brasil. A primeira a ser traduzida foi Carolina Maria de Jesus, com seu *best-seller* aqui em estudo.

A obra de Conceição Evaristo aborda temáticas relacionadas à vida da mulher negra, pobreza, tragédias, alegrias, romances e dificuldades financeiras e esta escritora “escreve de forma densa e seu estilo é demonstrado pelo uso de uma linguagem poética que transcende seus textos poéticos e desemboca, muitas vezes nos seus textos em prosa” (LIMA, 2009, p. 63).

Da mesma forma, percebe-se a abordagem destes mesmos elementos trabalhados por Conceição Evaristo na obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

Para que o objetivo deste trabalho seja alcançado, o mesmo está dividido em dois capítulos. No primeiro, faço o estudo do que é ser negro no Brasil e ressalto os bastidores da escrita e publicação da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, além de abordar a fonte de inspiração da “escrivência” de Conceição Evaristo. No segundo capítulo, o assunto gira em torno do retrato da realidade da favela em forma de literatura a partir da mundividência de nossas autoras, objetos desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 1**

### **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E O *CORPUS***

É o dia da abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos... Nas prisões os negros eram bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E nos trata com desprezo. Que deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes.

Carolina Maria de Jesus

Motivos, situações, momentos diversos podem desencadear minha escrita. O texto pode nascer de uma história ouvida, de uma música, da sonoridade de uma fala, de uma voz, de um fato pessoal vivido, de um enamorar-se pela vida e ainda pela determinação de inventar, de criar um texto.

Conceição Evaristo

#### **1.1 Ser negro no Brasil**

Quem é negro no Brasil é identificado como gente do lado de lá, os não iguais, os outros e são discriminados racialmente (OLIVEIRA, LIMA e SANTOS, 2000, p. 37-59).

Desde a época da escravidão o mundo dos brancos é considerado superior e ideal, devendo ser este o ideal para todos, o que causa uma busca constante e sofrida de um lugar de igualdade, o que não ocorre, pois esse lugar é racializado, ou seja, o negro continua sendo "o outro", o estrangeiro, o invisível aos olhos da ideologia, pois ele é diferente da norma ideológica-branca que foi instituída a partir da escravidão.

A democracia racial, enquanto política e ideologia racista, acentua a diversidade de interesses entre os vários segmentos dominados. O privilégio econômico, político, ideológico e sociocultural do branco estão imbricados com a divisão social e funcional que dá acesso ao trabalho, a educação, a saúde, ao lazer, o que torna mudanças ou transformações, no plano estrutural da sociedade e no plano de distribuição de renda e de recursos, processos que possivelmente darão, em sua maior parte, conquistas ao segmento branco.

Representações e estereótipos permaneceram para referenciar o que era (é) ser negro: a inferioridade mental, a moral ou social do negro em relação ao branco, reforçando as ideias evolucionistas de vários autores.

Dentro do quadro histórico de escravização e invisibilidade do negro na história do Brasil, entra com ainda mais vigor o drama da mulher negra. Segundo Bocayuva (2001, p. 91-96),

As mulheres negras, por sua vez, seriam, além de pés e mãos dos senhores, também seu ventre gerador. Amantes e escravas, por determinações da raça e da classe seriam também cozinheiras, amas de leite, mucamas, reprodutoras de proles extensas. [...] As morenas estariam predestinadas ao "amor físico" ou ainda à satisfação da "pegajenta luxúria", tarefas subalternas, atribuídas a inferiores. [...] A mulata, por que exótica e inferior, despertaria nos homens da elite branca o desejo das transgressões sexuais.

Ao se tornar objeto pertencido dos colonizadores, a mulher negra viu ser negado o direito à sua manifestação cultural, como suas danças, forma de se vestir e de falar. A forma como tratava seu corpo começou a virar tabu e ter representações negativas diante da cultura dos brancos, por ser "vulgar" e "exótica". Estes resquícios do passado refletem no presente da mulher negra, como se verificará a seguir no retrato da realidade de uma mulher favelada e negra.

Estas formas de representações do ser negro no Brasil e a maneira como a mulher negra foi tratada pelo senhorio do engenho-de-açúcar, como simples objeto de exploração sexual e do trabalho, têm seus reflexos nas personagens de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada e nos contos de Conceição privilegiados nesta pesquisa, como se verá no capítulo 2.

## **1.2 Bastidores da escrita e publicação da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada**

Mesmo inserida num contexto de miséria e penúria, Carolina Maria de Jesus ainda se dava ao luxo de sonhar em meio ao lixo. Pretendia se tornar uma escritora conhecida, sair da favela e morar numa casa de alvenaria. Como a matéria de sua narrativa eram as agruras de seu cotidiano, isso lhe trouxe muitos aborrecimentos. A escritora era alvo de xingamentos e represálias na comunidade pela sua diferente personalidade e, por sua vez, encontrou na escrita um refúgio para o desabafo de suas aflições.

*Quarto de despejo* foi editado a partir de alguns dos seus vinte e cinco cadernos guardados em caixas no seu barraco. Sendo assim, “[aos] 46 anos ela revelou a miséria de sua comunidade, invisível para a sociedade. Carolina foi a primeira mulher negra, pobre, mãe solteira e semi-analfabeta a publicar uma autobiografia”. (FRANÇA, 2015, p. 29 )

O lançamento de *Quarto de Despejo* foi um estopim em número de vendas e dizimou os relatos da favelada às pessoas que nem sabiam que aquela comunidade existia. Assim, Carolina Maria de Jesus apresenta a favela como um quarto de despejo:

Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo, ou queima-se ou joga-se no lixo. Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visita, com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo (sic), almofadas de sitim (sic). Quando estou na favela, tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo. (QD<sup>1</sup>, 2000, p.33 )

Audálio Dantas, o repórter da *Folha da Manhã*, fora escalado para passar o tempo necessário na favela do bairro do Canindé para acompanhar a realidade daquela comunidade. Após três dias, Dantas presenciou uma discussão no parque das crianças entre uma mulher e marmanjos que negavam a se retirar do local. A ameaça da mulher foi peculiar: "Vou botar o nome de vocês no meu livro" (FRANÇA, 2015, p. 29). Os moradores sabiam que Carolina escrevia tudo o que acontecia ao seu redor e sentiam raiva e medo dela por isso. Carolina, diferente da maioria das pessoas da comunidade que socializavam na maior parte do tempo, era mais introspectiva. "Minha mãe tinha um vocabulário mais erudito. Nós (os filhos) muitas vezes não entendíamos direito o que ela dizia" diz Vera. (FRANÇA, 2015, p.34)

Depois de ouvir as ameaças daquela mulher negra e favelada, o repórter Dantas se aproximou e a questionou acerca do livro, que foi revelado junto às poesias, músicas e o início de um romance.

A autoria de *Quarto de Despejo* foi questionada. Havia hipótese de que o próprio jornalista tivesse escrito a obra, ou que não seria possível uma mulher com quase nenhuma escolaridade tivesse linguagem rebuscada e vocabulário como o de Carolina. Isso não abalou Carolina Maria de Jesus que, "[determinada], costumava andar pelas redações anunciando-se poetisa." (FRANÇA, 2015, p. 30). Manuel

---

<sup>1</sup> Quando me referir à obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada nas citações, utilizarei a sigla QD.

Bandeira escreveu no jornal *O Globo* que o “preconceito é o motivo para que não achem que uma favelada possa escrever um livro” (FRANÇA, 2015, p. 30). Ninguém seria capaz de inventar um texto como o de Carolina, pois “[a] consciência que a escritora demonstra diante das condições políticas e históricas que a levaram, como muitos, ao quarto de despejo da favela, é surpreendente.” (ARRUDA; LOPES; DUARTE; 2014).

Dada à publicação de *Quarto de Despejo* e o subsequente sucesso, os moradores da favela ficaram indignados com Carolina pelo fato de terem seus nomes e histórias registrados no livro, certificando-se que as ameaças feitas por ela haviam tomado forma. O sucesso do livro gerou uma tensão na comunidade, por isso, tiraram a família da escritora do Canindé e levaram-na para o porão de uma grande empresa de açúcar. Depois a família se mudou, finalmente, para uma casa de alvenaria no Alto de Santana, bairro de classe média na cidade de São Paulo. Carolina dizia que as pessoas não gostavam dela porque era negra. Havia também as emissoras de televisão que faziam plantão em frente a sua casa, e os pobres que iam pedir coisas à Carolina.

O livro *Casa de Alvenaria* (1961) foi o relato da vida em Santana - depois ela ainda publicou *Pedaços de fome e provérbios* (1963). Após três anos de vida agitada, Carolina comprou um sítio para onde se mudaria com a família. Entretanto, a sua vida não mudara muito depois disso, como se verifica no depoimento abaixo:

A filha diz que a mãe não sabia administrar o que ganhava, e que também assinava muito papel em branco. [...] Também não havia dinheiro para óleo, café e manteiga. Só não passávamos fome porque criávamos galinhas e porcos. A vida voltou a ser dura. (FRANÇA, 2015, p 34.)

Assim, Carolina voltou às ruas para recolher papel. A filha Vera relata que, ao contrário do que dizem, não foi sensacionalismo, e sim necessidade. Depois da morte de Carolina, publicou-se *Diário de Bitita* (1982) e *Onde Estais Felicidade* (2014). Porém, ainda existem mais de 5 mil páginas de textos escritos por Carolina Maria de Jesus, de acordo com Fenscke (2015).

### 1.3 Relatos da origem do material de Conceição Evaristo para escrever seus contos

A "Escrevivência de Conceição" surge pelo fato de ela ter como gênese de sua escrita as histórias que viveu e ouviu. Conceição relata que a primeira frase de *Becos da Memória* - "Vó Rita dormia embolada com ela" - surgiu em uma conversa com sua mãe, onde elas falavam de histórias da sua avó. Conceição conversava com amigos e familiares sobre as histórias de pessoas da favela. "O que será que aconteceu com fulano?" era uma pergunta recorrente nos diálogos.

Conceição deixa claro que não se trata de uma autobiografia, como o livro de Carolina Maria de Jesus, mas sim uma ficção em cima de um fato real, uma criação partindo de uma história vivida por pessoas que passaram pela vida dela. Assim, Conceição caracteriza e diversifica o negro. Pessoas diferentes com gostos diferentes e posturas diferentes. Há uma desmistificação em relação à imagem do negro. A autora reúne um pequeno grupo de estereótipos para um enorme grupo de pessoas. São vários personagens que embelezam uma obra. Um jardim com diversas flores, diferentes, com cheiros diferentes, mas que formam um conjunto diferenciado; é uma visão crítica de estereótipos.

Nos dois últimos subtítulos busquei apresentar as fontes de inspirações da escrita de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo. Conclui-se que ambas as escritoras se baseiam em suas mundividências para produzir seus textos comprometidos com as questões inerentes à população afro-brasileira, se incluindo aí, também. Conforme depoimento de Ironides Rodrigues, citado por Eduardo de Assis Duarte (2015, p. 21),

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (*Apud* LOBO, 2007, p. 266)

Sem margem de dúvidas, tanto Carolina Maria de Jesus quanto Conceição Evaristo se enquadra nesta escrita, pois dizem o que sentem e sentem o que dizem em seus fazeres literários.

## CAPÍTULO 2

### A MUNDIVIDÊNCIA DA ESCRITORA FAVELADA: A REALIDADE DA FAVELA EM FORMA DE LITERATURA

Um texto descoberto em um arquivo empoeirado não será bom e interessante, só porque foi escrito por uma mulher. É bom e interessante porque nos permite chegar a novas conclusões sobre a tradição literária das mulheres, saber mais sobre como as mulheres desde sempre enfrentaram seus temores, desejos e fantasias e também as estratégias que adotaram para se expressarem publicamente, apesar de seu confinamento ao pessoal e ao privado.

Sigrid Weigel

A perspectiva histórica como um fenômeno mundial de escravidão e invisibilidade do negro se perpetua nos diários de Carolina Maria e nos contos de Conceição Evaristo. A invisibilidade, o não pertencimento à sociedade hegemônica, a sensação de ser jogado pra fora do meio social pela sua condição financeira - ou falta dela - ou simplesmente pela cor da pele são elementos que permeiam os personagens das autoras. Carolina, por exemplo, não se sentia parte da comunidade em que vivia e as personagens dos contos de Conceição Evaristo que são ambientados na favela só vivem ali por falta de opção.

Mulher negra, mãe solteira e catadora de papelão no lixo; esta era a condição de Carolina Maria de Jesus e de muitas outras mulheres da comunidade retratada em *Quarto de Despejo*. Entretanto, ela queria sair dali, pois não se conformava com aquela situação. Carolina julgava não se enquadrar naquela parcela da sociedade, mas não podia "entrar" no outro lado. Ela tinha vocabulário erudito e era inteligente, sabia escrever, mas a sua cor e a sua história a impediram de se posicionar na sociedade branca, continuando à margem desta.

Depois que Carolina conseguiu comprar sua casa de alvenaria em um bairro de classe média, ela sofreu represálias, mesmo não sendo mais pobre, tendo sua casa própria e sendo uma autora bem sucedida. A sociedade não estava preocupada com sua situação econômica, mas com o *status*, daí o incômodo por uma mulher negra estar morando no mesmo bairro que eles.

Tendo como apoio os textos *Quarto de Despejo*: o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, e os contos "Maria", "Di Lixão", "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos" e "Ana Davenga", de Conceição Evaristo, procuro, a seguir, analisar e refletir sobre a mundividência dos favelados retratados por ambas as escritoras, as

quais transpuseram em forma de literatura a realidade do negro de ontem e de hoje, a qual não mudou muito.

## **2.1 Fonte de renda e meio de sobrevivência**

Em *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus trabalha, na década de 50 e início da 60, como catadora de papel na rua, época em que esta profissão era rentável. Ao final de cada dia, ia ao reciclador para vender o que havia recolhido. Se desse arroz, gordura ou pão para sanar a fome de três crianças (e a dela) depois de dia e noite sem comer era motivo de grande alegria para a escritora catadora de lixo. Situação esta que leva a autora a concluir que o “Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”. (QD, 2000, p. 26)

Nos contos contemporâneos “Maria” e “Di Lixão”, de Conceição Evaristo, a autora nos apresenta duas fontes de rendas distintas: empregada doméstica e prostituta.

Maria trabalhava de empregada doméstica para sustentar seus filhos. Ao ser acusada erroneamente de participar de um assalto ao ônibus em que voltava do trabalho, foi linchada até a morte.

Ela levava aos filhos as sobras da ceia de natal que havia ganhado da patroa. Estava a pensar se os filhos iriam gostar de comer melão, visto que nunca haviam provado. A mãe Maria vive em função dos filhos, sua busca diária é por intenção de oferecer uma vida melhor aos filhos, mas é interrompida bruscamente pela violência.

## **2.2 A Maternidade de Carolina e de Maria**

A maternidade tradicional está condicionada aos cuidados extremos que a mãe tem com sua prole, geralmente no espaço doméstico, local este onde a mãe é considerada “a rainha do lar”. Entretanto, em narrativas de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo, a maternidade transgride esta função primeva e a complexidade do maternar aumenta, pois “à medida que o sentido de maternidade se diversifica [...], à mãe tradicional vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica [...], a mãe solteira [...], a mãe pobre, negra [...]”, conforme nos informa Cristina Maria



Teixeira Stevens (2007, p. 18). As personagens das autoras privilegiadas neste trabalho se enquadram nos três últimos modelos de mãe citados pela pesquisadora.

No conto “Maria”, quando a personagem-título estava voltando para seu barraco na favela, depois de outro dia exaustivo de trabalho, ela presencia um assalto no ônibus. O assaltante é o seu ex-marido. A mulher não é roubada, mas os outros passageiros sim. Por acharem que ela era comparsa dos bandidos, Maria é linchada até a morte.

O pensamento dessa mulher, antes e durante o acontecido, era somente levar comida aos seus filhos. Ela queria alimentá-los com as sobras da ceia de Natal que havia sobrado na casa da patroa com o consentimento da mesma.

Em outro conto de Conceição Evaristo, “Di Lixão”, a mãe do protagonista se prostitui para a própria sobrevivência e de seu filho, o personagem-título. Di Lixão reprova a forma como a mãe ganha dinheiro. O assassinato da mãe no barraco deles durante a visita de um dos clientes deixa o garoto feliz e, mesmo sabendo a identidade do algoz, não revela à polícia, pois este lhe fez um favor, libertando-o da mãe que o envergonhava.

Carolina, em *Quarto de Despejo*, participa da mesma angústia que as mães citadas anteriormente: a busca diária por comida para dar aos filhos. O dinheiro que ela conseguia no dia era para comprar a comida e havia dias que nem a comida dava para comprar. A vida de Carolina é uma busca insaciável pelo dinheiro para comprar comida para seus filhos.

O diferencial em Carolina Maria de Jesus é que a mesma se preocupava com o alimento do corpo e da mente. Ela lutava, também, para os filhos ter educação escolar e alcançar um futuro melhor que o dela.

A mulher-mãe nos contos de Conceição e na autobiografia de Carolina Maria de Jesus é aquela que leva a vida dedicada aos filhos e ainda lidam com a falta do pai como companheiro e logo, sem nenhuma cooperação dele para manter o lar.

Essas mulheres assumem todas as responsabilidades que deveriam ser divididas, mas não existe o outro, o parceiro. A mulher “sexo frágil” não existe para Carolina e para as personagens de Conceição Evaristo, aqui retratadas. São elas que trabalham, compram comida, educam os filhos e lidam sozinhas com todas as situações da vida cotidiana.

### 2.3 A Favela e a violência

A favela relatada por Carolina nos anos 60 tem muita semelhança com a abordada nas histórias de Conceição Evaristo, época mais contemporânea.

A violência presente nos contos de Conceição Evaristo é bem maior e diferente que no texto de Carlina Maria de Jesus. Na favela de Carolina, seus relatos são em sua maioria de brigas por motivos de relacionamentos amorosos, posse de casas, fofoca ou intrigas de adultos contra crianças. Há o relato de arma através do Cigano por quem ela começa a se apaixonar, mas ele não utiliza desse recurso, segundo as anotações de Carolina. As brigas, geralmente entre bêbados ou marido e mulher, são brigas corporais (troca de socos e pontapés) e chamar a polícia resolvia. As pessoas temiam alguém ir chamar a patrulha da polícia. Não constam relatos de tiroteios, compra/venda de armas nem uso ou venda de drogas, diferente dos contos de Conceição Evaristo.

Na história “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” (CN 30, 2007, p. 35-42), as irmãs gêmeas têm mais dois irmãos homens, um serve o Exército e o outro iniciando sua vida na delinquência com um novo grupo de bandidos. As gêmeas brincavam de colecionar figurinhas e quando uma específica some, Zaita vai atrás da irmã para saber se foi ela que pegou. A criança anda despercebida pelas vielas, quando é morta vítima de um tiroteio iniciado pelo seu irmão bandido.

Outros dois contos de Conceição Evaristo também demonstram essa violência. Trata-se de “Ana Davenga” e “Di Lixão”.

“Di Lixão”, anteriormente abordado, aqui, focando a figura da mãe do personagem-título, gira em torno do assassinato da mãe do garoto que não aceitava a vida que a mãe levava. A violência neste conto permeia a mãe e o garoto que parece se conformar com atitudes como assassinato.

Ana conheceu Davenga na roda de samba. A morena bonita chamou a atenção do chefe de quadrilha por se parecer com a bailarina que ele outrora havia visto dançando na televisão. O amor fulminante levou Ana a ser Ana Davenga e se tornar a mulher que não vê e não ouve os planos e armações do bandido e seu bando. Ana Davenga ficava atenta à senha para abrir a porta do barraco. Levou um susto quando abriu a porta e os comparsas de Davenga adentraram seu barraco. Cadê o Davenga? Era um festa surpresa, pelo seu aniversário. Davenga já havia mandado matar uma outra mulher, que era da igreja mas mantinha relações com

ele. Mas Ana estava entregue de corpo e alma ao seu moreno. Ana descobre que carrega em seu ventre uma criança, fruto do seu imenso amor por Davenga. Um dia, à noite, a polícia entra no barraco e fuzila os três: Davenga e Ana, tentando proteger sua barriga.

A violência presente na favela de Canindé, na década de 60, no relato de Carolina Maria de Jesus, e a dos dias contemporâneos nos contos de Conceição Evaristo são diferentes. Ela vitima, segrega e não oferece condições às pessoas de morar bem, ter um trabalho digno sem tanta desigualdade e alienação.

## **2.4 Carolina Maria de Jesus e Ana Davenga: o ser mulher negra**

A esfera sexual se tornou estrutura para qualquer tipo de negociação da mulher negra com o mundo dominante. A mulher estava enquadrada nesse esquema e teve que começar a se reconstruir dentro dessa geografia exploratória. “A mulher negra [...] experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista.” (BAIRROS, 1995, p. 461).

As mulheres negras tiveram que se reconstruir sob a opressão e poder social totalmente reduzido. A construção da identidade da mulher negra se formou através das brechas que foram deixadas e nos espaços que elas mesmas abriram para si e para seu povo.

A cultura de relação com o poder e liberdade com o próprio corpo sem noção de pecado, se chocou com a cultura do europeu, que percebeu essas características como negativas, por se distinguirem totalmente do que eles estavam acostumados, gerou a objetificação da mulher negra por uma suposta natureza de alma libertina, totalmente voltada para o lado sexual e trabalho doméstico.

As hierarquias que camuflam a real situação da sociedade brasileira, sendo elas de dominação ou subalternização, interferem diretamente na vida da mulher negra, na visão sobre sexualidade e na colocação no mercado de trabalho.

O estigma delimitador é a cor da pele. Ela evidencia representações e estereótipos lançado a essa característica. O estigma faz o estigmatizado acreditar nessa pseudo criação da "ordem pigmentocrática" (GOFFMAN, 1988, p 17).

O processo de reconhecimento estereotipado dos colonizadores tornou-se concepção sobre as mulheres negras brasileiras e, talvez,

[...] as mulheres africanas tornadas negras brasileiras e subalternizadas por seu gênero, por sua raça e pela condição subordinada de escrava tenham constituído uma identidade contraditória, visto o dilema conflituoso de se refazer numa ordem civilizatória oposta àquela que as originou como seres sociais. [...].( BONFIM, 2009, p.246)

Toda situação de colonização, colonizadores exploradores da sexualidade e da mão de obra da mulher negra, conduziu a deteriorização da sua posição social até os dias de hoje. “Ademais, a opressão estrutural que submete as mulheres negras deve ser compreendida como uma articulação histórica entre sexismo e racismo.” (BONFIM, 2009, p. 246).

Reconhecer o papel fundamental da mulher negra como matriz de coletividades humanas e ser humano protagonista é fundamental para países com grande maioria afrodescendente, como o Brasil.

Carolina Maria de Jesus transcende todos os estereótipos e preconceitos que poderiam lhe ser empregados. Ela prova, com sua postura e seu testemunho de vida que os uniformes da sociedade não vestem a todos. Ela criou seus filhos por meio do seu trabalho e suor. Sempre buscou aperfeiçoamento educativo e não se contentava com sua realidade. Carolina sempre quis mais do que lhe ofereceram. Maria, Ana Davenga, a mãe do "Di Lixão" e a mãe de Zaita, compartilham da mesma performance. Elas sobrevivem em meio às desigualdades sociais, ao preconceito, ao machismo e a todas as dificuldades de uma mãe em meio a tantos outros problemas durante o desenvolvimento de um filho.

## CONCLUSÃO

A realidade da favela ontem e hoje é relacionada de forma singular nos escritos de Carolina Maria e nos contos de Conceição Evaristo aqui privilegiados. Independente de características de uns e outros, a essência é plural. As personagens são sobreviventes e ajudam suas proles a sobreviver. A violência é ponto marcante nas histórias de Conceição Evaristo e agrega ainda mais sofrimento, pois lida com sangue e morte.

O papel social materno comunga nas escrituras das duas autoras. As mães sempre têm que lidar diretamente com os problemas relacionados à criação de seus filhos. Seja na busca por comida, na relação entre pai e filho que a mãe tem que intermediar, na estruturação do caráter, disciplina ou conselhos soltos, a mãe está presente.

As favelas/comunidades ainda são refúgios de pessoas segregadas socialmente e que geralmente lutam por uma vida melhor e por mais dignidade. A mulher se encaixa no perfil de recolocação social. É uma transformação lenta que deve ser apoiada por todos os lados, visto que é preciso valorizar e reconhecer o papel social e a importância desse ser no passado no presente e no futuro.

Na literatura, é fundamental a disseminação dessas obras para que a alienação não extinga essas memórias e relatos. A cultura, a informação e a documentação da história do país são relatadas por essas mulheres que vivem e fazem história. História que deve ser lida, relida, disseminada e valorizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Maria da Conceição. **O ser negro: a construção de subjetividades em afro-brasileiros**. Brasília: LGE Editora, 2008. p. 149-177.
- BOMFIM, Vânia Maria da Silva. **A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas**. In: Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Elisa Larkin Nascimento (org). São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 219-249.
- DUARTE, Eduardo de Assis (coordenação). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Di Lixão. Maria. In: **Cadernos Negros 14: contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1991. p. 9-15.
- \_\_\_\_\_. Ana Davenga. In: **Cadernos Negros 18: contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1993. p. 29-37.
- \_\_\_\_\_. Zaita esqueceu de guardar os brinquedos. In: **Cadernos Negros 30: contos**. São Paulo: Quilombhoje, 2007. p. 35-42.
- \_\_\_\_\_. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Organizado por Marcos Antônio Alexandre. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Carolina Maria de Jesus: a voz dos que não têm a palavra**. Templo Cultural Delfos, 2014. Disponível em [www.elfikurten.com.br](http://www.elfikurten.com.br). Acesso em 02/07/2015.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC : Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- FRANÇA, Valéria. **Aventuras na História**. Edição 139, Fevereiro de 2015. p. 28-34.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição Popular.
- LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. 172 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Literatura: Literatura e Práticas Sociais). POSLIT/TEL. Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Maternidade e feminismo; diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, Cristina (org.). **Maternidade e feminismo**: diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. P. 17-79.